

Experiências a partir do estudo da crítica literária feminista

Bruna Bechlin¹

Neste texto gostaria de apresentar algumas das experiências que tive ao apresentar meu trabalho de mestrado. Participei de dois eventos aqui em Foz do Iguaçu, um dos quais era o IX Encontro Internacional de Letras, organizado pela UNIOESTE, em 2017 e o outro uma aula, como convidada, para uma turma de literatura de língua espanhola na mesma universidade, em 2018. Também apresentei minha pesquisa num evento em Portugal, em 2015 – na Universidade de Coimbra, onde concluí essa pós-graduação. Acho interessante apresentar uma comparação entre esses três eventos.

Acredito que apresentar essas experiências em ordem cronológica faz mais sentido, por isso começo as Jornadas de pós-graduação da UC. A jornada desse ano era intitulada “escritas da resistência”, então sabia que a pesquisa que ainda estava realizando estava em total sintonia com esse tema. Vou contar primeiro sobre algumas questões mais gerais, como por exemplo, o número inexpressivo de participantes, ainda que a inscrição para participar, tanto como palestrante quanto como ouvinte era gratuita. Além disso, nesse tipo de evento não se usava nenhum projetor ou qualquer tipo de imagem como apoio para chamar a atenção dos participantes, é apenas a palestrante, sua voz e o que deseja transmitir. Eu ainda não havia apresentado nenhum trabalho fora das atividades curriculares, apenas tinha assistido a alguns eventos.

Meu nervosismo era muito grande, porque a apresentação era realizada em uma sala menor, bem aconchegante, com cadeiras e carteiras em círculo, para que todas pudessem ouvir bem o que tínhamos para falar. O meu trabalho – e vou tomar a liberdade de apresentar mais uma vez minha pesquisa – foi a análise de um livro da Gioconda Belli, escritora nicaraguense contemporânea, com a qual tive o prazer de passar alguns minutos conversando, enquanto ela tomava seu *desayuno* e eu a enchia de perguntas, que pela maneira como respondeu, era igual às outras todas que ela já estava cansada de responder. A análise que fiz da obra “*El país de las mujeres*” passou por uma busca pela definição de literatura feminista, por estudos sobre as vertentes feministas, sobretudo desde conceitos europeus, como o Ginocentrismo, uma vez que era um dos conceitos usados pela autora em seu livro. Busquei

¹ Mestre em estudos literários e culturais pela Universidade de Coimbra - UC. Terminando uma especialização em Ensino de Língua Adicional na UNILA. Contato: bbechlin@gmail.com.

me aprofundar um pouco mais na história da autora, mostrando seu contexto de escrita e as razões pelas quais ela produz um texto combativo, de confronto às instituições principalmente patriarcais. E me envolvi nesse universo do poder feminino e feminista.

O romance “*El país de las mujeres*” merece uma atenção especial. Talvez algumas pessoas já o tenham conhecido, e poderão concordar ou não com a minha maneira de interpretar. Para quem ainda não teve a oportunidade de o ler, vou tentar falar o máximo sobre, sem estragar a curiosidade de sua leitura. Estamos em um país minúsculo na América Central, chamado Fágua, onde a autora dá asas a sua militância principalmente feminista, mas também pela igualdade entre as classes. Fágua, já liberada de uma ditadura, vive sob os comandos de maus políticos, homens que nunca se preocupam com o seu povo. Escolhidos por pessoas que não veem esperanças de mudança, independente de quais homens estejam como candidatos. Num golpe do destino a protagonista, Viviana Sansón, se vê obrigada a transformar sua própria realidade e isso a leva a querer ir mais e mais além. Então ela percebe, e aí está todo o sentido do romance, que não adianta tentar transformar a sociedade, nem mesmo ter mulheres políticas no poder, sem que as estruturas do poder sejam transformadas. Ou seja, não adianta as mulheres buscarem ser poderosas como os homens, se ainda vai existir mulher que não deseja essas posições, logo continuarão sofrendo todas as opressões que as mulheres poderosas conseguem desafiar. O romance todo esconde e apresenta esses conceitos de diversas vertentes feministas, que a cada momento da leitura vamos percebendo. Audre Lorde diz “não serei livre enquanto alguma mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas” e é dessa perspectiva que o romance busca transformar a realidade das mulheres. Porque enquanto o poder público se mantiver relacionado ao homem, ao que acontece fora das esferas domésticas e for considerado superior ao que acontece dentro de cada residência, que continua sendo uma área feminina, não importa que uma ou um milhão de mulheres conquistem esse espaço “proibido”, elas ainda não serão valorizadas ali, ainda não terão seu trabalho e esforço considerados pelos pares (veja o caso de Katie Bouman, que fotografou um buraco negro, mas ainda sofre com homens tentando desmerecer seu trabalho, de várias maneiras). O que a Gioconda Belli faz com seu romance é planejar uma sociedade feminista – com todas as contradições que essa palavra pode sustentar – mais equitativa para todas as pessoas. E esse plano vai além, sendo, de certa forma, implantado na mente das pessoas que leem seu romance e percebem que outras realidades podem sim ser possíveis. Por isso, afirmo também, na minha pesquisa, que esse era um romance de tese feminista. O romance não é extenso, muito menos cansativo. É cheio de humor, drama,

construído de maneira não linear que leva a leitora, ou seja, a pessoa que lê, a participar, de certa forma, da história, quando faz com que esse leitor se veja participando da solução de um mistério, digamos assim.

Agora, voltando a minha apresentação, lá em 2015... eu consegui apresentar nossa pesquisa, apesar de ela não estar completa ainda naquele momento. Depois da minha apresentação houve uma rodada de conversas, entretanto as participantes (é necessário dizer que havia homens e mulheres?) se concentraram no próprio romance, questionando algumas passagens colocadas durante a apresentação que são bastante controversas, tais como a valorização da feminilidade, que é algo criticado por várias vertentes feministas, ou mesmo um castigo cruel destinado aos homens reincidentes de práticas de estupro, que pode ir contra a uma visão humanista da sociedade. Mas, senti falta do debate sobre os conceitos usados. Não lembro de haver um interesse pontual sobre o romance de tese, ou a literatura e crítica literária feministas, nem mesmo sobre o contexto de produção da autora. Isso me fez pensar se talvez esses assuntos não estariam “sobrando” nessa pesquisa, apesar de entender que todos esses conceitos eram a base para um estudo que buscou demonstrar que “*El país de las mujeres*” é um romance de tese feminista e, como tal, mostra, de maneira literária, como a sociedade seria mais justa e equitativa se o feminismo fosse praticado dentro das instituições públicas.

Já na nossa região de tríplice fronteira, durante o IX Encontro Internacional de Letras, minha apresentação foi agrupada com trabalhos sobre direitos humanos e assuntos afins, mas não entendi por que destinaram minha pesquisa a esse contexto, porque além de termos muito pouco tempo – 10 minutos não são suficientes para falar de temas tão importante e complexo quanto os que tínhamos – ninguém se interessou pelo tema do meu trabalho. Tinha um outro grupo com pesquisas sobre gênero e feminismo o qual minha pesquisa poderia ter sido mais bem avaliada. Eu participo desses encontros desde quando estava no 1º ano da graduação. Em todos os anos que participei, não havia visto um público tão pouco numeroso quanto o de 2017. Houve pouquíssima participação dos inscritos tanto nas palestras maiores, quanto nas comunicações ou minicursos. A participação insuficiente das pessoas foi desanimadora, porque mostra o quanto estamos despreocupados com as pesquisas na área de literatura – não posso falar da área do ensino de línguas, porque não estive presente nesses grupos.

Essa falta de interesse com a pesquisa na área de literatura, ou no nosso caso específico, da literatura feminista (que ainda pode ser pontual e pessoal, porque as participantes poderiam ter ficado desinteressadas pela minha apresentação especificamente),

que foi percebida de certa forma em Portugal, em 2015 e muito mais expressiva aqui na nossa região, em 2017, nos leva a vários questionamentos. Em particular, eu como mulher, gostaria de saber, uma vez que fazemos literatura e literatura de alta qualidade, que pesquisamos e falamos sobre esses textos... Se todo esse trabalho pode mesmo resultar em alguma transformação real da sociedade? Se esse trabalho conseguir realizar essa façanha, como isso é alcançado, de fato? Afinal, a literatura nos permite analisar a sociedade, pensar sobre nossas ações e nos posicionar em relação aos mais diversos assuntos. Acredito que a literatura, a literatura real, não somente realista, que fala dos sentimentos, das preocupações, das alegrias e mazelas humanas, ainda tem essa capacidade de força transformadora, dependendo da pessoa que a lê.

Mas, como isso vai acontecer se temos dois principais problemas (na minha opinião, é suposto): o primeiro é que essas questões literárias, tão necessárias à toda a humanidade, estão encerradas na academia, não são debatidas entre as pessoas que andam pelas ruas, porque já é difícil qualquer um de nós ler um livro com o tanto de informação que vemos por aí... O segundo problema é que mesmo as pessoas que deveriam se importar com esses assuntos não participam de eventos, não apresentam suas pesquisas, não debatem com os seus pares – e eu entendo que isso muitas vezes é difícil por inúmeros fatores, desde a inscrição nesses eventos, que podem ser altas para os participantes, até o medo de falhar na frente de pessoas que sabem tanto sobre todos os assuntos. Mas, acho que isso também é um tema para outro relato de experiência.

A última apresentação que fiz foi uma aula completa, na UNIOESTE, como convidada de um ex-professor e amigo que me pediu que falasse sobre minha pesquisa, mas também sobre o mestrado fora do país. Essa aula foi significativa porque, bem, sou professora da rede estadual, então trabalho com alunos adolescentes ou quase isso. E, apesar dessas aulas serem bem animadas, com muitas atividades para serem realizadas, parece que as e os estudantes não se importam muito com o que a gente diz, mesmo sabendo que, no fundo, eles prestam atenção. Entretanto, a aula para alunos na universidade, mesmo que nem sempre seja assim, com elas participando, fazendo perguntas e colocações importantes, valorizando nosso trabalho, o que já fizemos e o que ainda podemos fazer... É uma sensação de completude, foi para aquele momento que você estudou tanto. E mesmo que não se sintam tão preparada quanto acha que seria necessário – parece que essa é uma conta que não se iguala, principalmente para professores iniciantes – a gente busca repassar tudo sobre o que estudamos.

Enfim, espero que esse relato sobre minhas experiências de apresentações da pesquisa que realizei tenha trazido algumas questões às quais a leitora ou o leitor se identifique, de alguma forma. A minha intenção também era apresentar a minha dissertação – mais uma vez, mas de maneira inédita – e falar, ainda que superficialmente, sobre a importância de ler e estudar literatura.